

## Linguagem e experiências cotidianas: estratégias de interação e transformação

### Resumo

Este artigo reúne a análise de alguns fenômenos sociais tendo como linha condutora a linguagem, sendo esta pensada enquanto parte de determinado domínio do conhecimento. A investigação do papel de certos vocábulos nas estratégias de sobrevivência em contextos urbanos brasileiros é teoricamente fundamentada na Fenomenologia Sociológica (Alfred Schütz). A pesquisa empírica remete o leitor a distintas (em tempo e espaço) comunidades brasileiras, para que possamos analisar algumas expressões enquanto resultado das vivências e da interação dos atores sociais no mundo da vida. Observamos por meio da análise de narrativas biográficas e fontes literárias o papel da linguagem nos processos de conhecimento coletivo e na construção da realidade feita e refeita.

**Palavras-chave:** Linguagem. Pobreza. Favela. Pesquisa Social Interpretativa. Narrativa Biográfica.

### Naida Menezes

Doutora em Ciências Sociais pela  
Pontifícia Universidade Católica  
do Rio Grande do Sul – PUCRS.

Brasil

contato@naidamenezes.com

### Para citar este artigo:

MENEZES, Naida. Linguagem e experiências cotidianas: estratégias de interação e transformação. Revista PerCursos, Florianópolis, v. 20, n.42, p. 280 - 303, jan./abr. 2019.

**DOI: 10.5965/1984724620422019280**

<http://dx.doi.org/10.5965/1984724620422019280>

## Language and everyday experiences: interaction and transformation strategies

### **Abstract**

This article brings together the analysis of social phenomena started by the language, which is thought as part of a certain domain of knowledge. The investigation of the role of certain words in Brazilian urban context survival strategies is theoretically grounded in the Phenomenological Sociology (Alfred Schütz). Empirical research refers the reader to distinct (in time and space) Brazilian communities, so that one can analyze some expressions as a result of the experiences and interaction of social actors in the world of life. We observe through the analysis of biographical narratives and literary sources the role of language in the processes of collective knowledge and in the construction of reality — which is made and redone.

**Keywords:** Language. Poverty. Favela. Autobiographic Narratives. Interpretative Social Research.

## 1 Introdução

Há, no mundo da vida, momentos peculiares em que novos dialetos, novas palavras ou expressões são elaboradas e/ou reelaboradas, mesmo com todo o arcabouço linguístico de que um grupo já dispõe. Uma nova palavra – ou a apropriação de determinados termos para lhes atribuir outros significados – é biograficamente constituída (BERGER; LUCKMANN, 2001). Ela objetiva pensamentos resultantes de experiências únicas nas quais fatores culturais, econômicos e ambientais são norteadores. É certo que esses fatores norteiam todas as biografias, mas são subjetivamente apreendidos e, posteriormente, ressignificados por cada indivíduo.

Duas pessoas com o mesmo estoque de conhecimento possuem diferentes biografias e formam situações problemáticas (não rotineiras e automáticas) de formas diferentes (SCHÜTZ, 2003), mas, mesmo assim, através da intersubjetividade, uma nova terminologia pode ser, em qualquer momento, socializada.

No mundo da vida, segundo Alfred Schütz (1979), procura-se agir pragmaticamente a partir do conhecimento à mão e há uma tendência a manter estável e seguro o estoque de conhecimento historicamente acumulado pelo grupo – no qual se inclui a linguagem (SCHÜTZ; LUCKMANN, 2003). A linguagem comum é o “meio tipificador por excelência” (SCHÜTZ, 2008a, p. 94), e é dela que, inclusive, partem os analogismos e a estruturação significativa de novos vocábulos.

Este artigo, à luz da sociologia interpretativa e de um diálogo com outras vertentes da antropologia e sociologia, trata de um tema comum a toda a área do conhecimento: a linguagem. Nos capítulos que decorrem, analisaremos a humanidade das palavras, sua força enquanto chave para a percepção de contextos inesperados que desembocam em novas formas de pensar, de lidar com o trabalho, de enfrentar o outro, enfim, ações que no mundo da vida darão suporte àquilo que se mantém e ao que se transforma dentro do processo social.

## 2 Linguagem e ação no mundo da vida

Para melhor analisarmos o potencial e a diversidade das estratégias linguísticas no cotidiano, consideramos importante a categoria “mundo da vida”, ou seja, a esfera das experiências dos indivíduos como principal realidade. É a dimensão em que ele (indivíduo) interage com objetos, pessoas e eventos, reconhecendo como natural o que faz parte de seu grupo, como a linguagem, por exemplo, mas também as condições do grupo para a ação. A vivência no mundo social dá-se a partir do grupo interno. Este apresenta padrões de conduta e sistemas de signos que o encaminham para “o pensar como sempre” (SHÜTZ, 2003, p. 81).

No mundo da vida, a utilização das palavras tende a ser filtrada de acordo com a província da realidade em que o indivíduo se encontra. Segundo Alfred Schütz, “toda palavra e toda oração está rodeada por fronteiras que a conectam, de uma parte, com elementos passados e futuros do universo do discurso a qual pertencem” (SCHÜTZ, 2003, p. 103). Além do fato de que “toda linguagem inclui termos que possuem várias conotações”, ela ainda apresenta um significado secundário de acordo com o grupo em que é utilizada, seu contexto e ambiente social (SCHÜTZ, 2003, p. 103). Dessa forma, se um indivíduo precisa comunicar-se com um grupo de um ambiente social distinto, procura aprender sobre esse outro padrão cultural, estranho a ele devido às “discrepâncias fundamentais na visão das coisas e no manejo das situações” (SCHÜTZ, 2003, p. 102).

Quando os signos não são suficientes para expressar determinada percepção é possível que uma nova palavra seja apresentada<sup>1</sup>. E, se para o grupo essa nova palavra vier a sanar uma dificuldade de comunicação, então poderá se sedimentar.

Observemos a criação do termo “joão-de-pau” utilizado por pescadores de comunidades ribeirinhas do rio Amazonas na região Norte do Brasil. O termo nasceu a partir da estruturação de um determinado tipo de pesca feita com arpão, normalmente

---

<sup>1</sup> As palavras podem ser analisadas enquanto vocábulo, quando nos referimos ao aspecto material, ou enquanto termo, quando nos referimos à significação. In: Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=palavra>>. Acesso em: 29 ago. 2017.

utilizada para a pesca do pirarucu. José Veríssimo, que descreveu em seu livro de 1895 a pesca do pirarucu na Amazônia, afirmou que, na hora de utilizar o arpão, se o pescador estivesse sozinho, ele adequava um dos remos, amarrando-o onde deveria estar o outro remador, na popa, para conservar a embarcação em sua rota. Ele ainda acrescenta que “à falta de gente para este ofício, supre-a o João-de-pau” (VERÍSSIMO, 1895, p. 24). Mantendo-se o único pescador “agachado à proa, a bunda sobre os calcanhares erguidos, o peso inteiro do corpo descansando nos dedos dos pés largos, ora remando com uma só mão, ora servindo-se da longa haste do arpão” (VERÍSSIMO, 1895, p. 24).

João de pau é uma palavra utilizada por um grupo de pescadores de pirarucu para se referir a um objeto que desempenha o papel de um pescador não o sendo: eis aqui a necessidade da tipificação – todos os remos que cumprirem esse papel passam a ser chamados de João-de-pau, que se torna um pressuposto para todo aquele *que sea uno de nosotros* (SCHÜTZ, 2008b, p. 92). E, assim, dá-se o processo de objetivação da vida cotidiana: os indivíduos desenvolvem uma estrutura comum de interpretação no processo de transformação das coisas naturais em objetos culturais, o que nos leva a considerar, como afirma Schütz, que “a província das coisas, pertencente ao mundo externo, também é social” (SCHÜTZ; LUCKMANN, 1973, p. 05).

O padrão que facilita e organiza o mundo da vida de um endogrupo, e que é por este tido como certo, não o é para o estranho (*outsider*), o que pode torná-lo não confiável, uma vez que coloca em jogo os pressupostos daquele padrão a partir de uma visão diferente. Então, na tentativa de tornar-se confiável, o estranho, aquele que vem de fora, a partir de um domínio ativo da língua do exogrupo, precisa ser estratégico na escolha das palavras. Vejamos um exemplo a partir da seguinte petição registrada em Porto Alegre (RS) no ano de 1850:

Ilmo. Sr. Subdelegado de Polícia do 2º Distrito

Diz Maria José, preta forra, na qualidade de = Rainha Ginga = de Nação Angola com predomínio sobre as mais Nações de pretos da Costa d’África, que tendo obtido licença do Ilmo. Chefe de Polícia, para brincarem ao modo de suas Nações, em algumas casas da Rua do Rosário, foi-lhes esta licença cassada por V. S.<sup>a</sup> Que verbalmente declarou que só a

concederia por que os brinquedos fossem na Várzea desta cidade, e porque estes divertimentos são inteiramente inocentes e servem de distração e, além disso, resulta em benefício de todos por que deles se obtém esmolas que são aplicadas para socorros mútuos em casos de enfermidades e para enterros: por isso e como tem sido de estilo, a suplicante por si e por todas demais Nações vem pedir a conceder V.S.<sup>a</sup> se sirva conceder licença para que aos Domingos possam brincar ou na várzea ou naquele lugar que for por V. S.<sup>a</sup> designado, portanto, Pede que assim lhe defira, Porto Alegre, 19 de fevereiro de 1850.<sup>2</sup> (DIAS, 2008).

Maria José, na condição de “preta forra” encaminha para as autoridades um pedido para que um grupo de negros possa realizar seus rituais religiosos. Em vez de utilizar o termo que já era conhecido na região para designar os rituais religiosos africanos, ou seja, a palavra batuque, ela usou a expressão “brincarem ao modo de suas nações”. Em outros documentos anexados a essa petição, percebemos que o subdelegado Francisco Macedo sabia o que a *Rainha Ginga*<sup>3</sup> queria dizer com a palavra brincar, pois ao relutar em aprovar a petição, ele criticou o barulho que fazem em seus batuques.

Sendo assim, qual o motivo pelo qual Maria José não utiliza a palavra batuque e sim brincar, mesmo sabendo que o termo já era conhecido pela população?

Parece-nos importante ressaltar, nesse caso, certo domínio ativo de Maria José sobre a língua portuguesa e seus esquemas de expressão. E também a relação dessas expressões com o esquema tipificador: formado predominantemente a partir da cultura portuguesa que considerava o batuque como um sacrilégio e um “ajuntamento de pretos” que faz muita *balbulha*, para utilizar os termos da época (DIAS, 2008).

Na atitude natural do exogrupo com o qual Maria José dialoga, a compreensão em relação à cultura afro-brasileira foi historicamente sedimentada como tantas outras verdades. Segundo Schütz, na atitude natural do mundo da vida “eu sempre encontro a mim mesmo em um mundo que é para mim tido como garantido e auto determinado

<sup>2</sup> AHRGS. Fundo Requerimento. Grupo Polícia, Maço 90 – 1850. In: Dias, 2008, p. 31.

<sup>3</sup> Rainha Ginga: “rainha quimbundo do reino de Ndongo que resistiu ao avanço português e com isso conseguiu montar grande aliança com povos antes seus férreos inimigos”. Uma liderança feminina entre negros de diversas nações (...) (Dias, 2008, p. 32).

como real. Eu assumo que ele existiu antes de mim (...) todos os problemas que eu tenho que dominar estão colocados”(SCHÜTZ; LUCKMANN, 1973, p. 04).

É interessante analisar “as verdades” enquanto atribuição à mutável configuração do “estado das coisas” em que, segundo Wittgenstein, os objetos “se ligam uns aos outros como elos de uma cadeia” que irão formar a “imagem de mundo”, ou seja, o “pano de fundo herdado a partir do qual distingo entre verdadeiro e falso” (WITTGENSTEIN, 1994, p. 58). Assim, o indivíduo ao problematizar algo, sempre parte das “verdades” sedimentadas, ao que Wittgenstein dá um exemplo: “a terra existiu nos últimos 110 anos”. Segatto, ao estudar o pensamento de Wittgenstein, examina essa questão:

Dizer que “a Terra existiu nos últimos 110 anos” não pode ser objeto de uma investigação, pois não é algo que esteja sujeito à confirmação ou falsificação pelo tribunal da experiência. Mas a certeza associada a essa proposição não deriva de algum consenso estatístico, isto é, sua certeza não se deve ao fato de que todos nós acreditamos saber, por exemplo, que a Terra existiu nos últimos 110 anos (...) isso significa tanto que não questionamos essa base de nosso agir quando tentamos apreender o mundo, quanto que sua evidência sequer deixa aberta a possibilidade da dúvida. (SEGATTO, 2011, p. 151)

O endogrupo para o qual Maria José se dirige em sua petição apresenta definições consensuais, não abertas para dúvidas acerca do tema religiosidade, e são definições diferentes da sua e de seu grupo. Maria José provavelmente considerou, seguindo suas intenções subjetivas “aqui e agora,” (BERGER; LUCKMANN, 2001, p. 56), que a palavra brincar era um termo interessante, sem conotação religiosa, mas que expressava a ideia de movimentação diferente do corpo, musicalidade, ritmo e demais sentidos atribuídos, naquele período histórico, à palavra brincar.

Maria José exerce a liderança de um grupo que, pela coesão, projeta aumentar o espaço de atuação e poder. Mas, naquele momento, ainda são vistos como *outsiders* perante o grupo historicamente estabelecido.

Norbert Elias considera como sendo os estabelecidos aquele grupo que, em relação ao nível de poder, mantém-se no controle da sociedade, caracterizando-se pela coesão, maior tempo de convívio e pela estigmatização em relação aos *outsiders*. “A peça central dessa figuração, salienta Elias, é um equilíbrio instável de poder, com as tensões que lhe são inerentes. Essa é também a precondição decisiva de qualquer estigmatização eficaz de um grupo *outsider* por um grupo estabelecido” (ELIAS, 2000, p. 23).

Assim, a Rainha Ginga, para o endogrupo a que se dirige, é uma mulher “sem história,” estigmatizada como ex-escrava. Como *outsider*, ela observa a província da realidade com a qual se comunica e sabe que precisa dominar aquela pauta cultural e esquema tipificador (SCHÜTZ; LUCKMANN, 2003, p. 100).

Operando de forma pragmática no mundo da vida e sobre ele, os indivíduos precisam lidar com o momento em que problematizam algum pressuposto integrante de determinado padrão que poderá ser subjugado ou não. As vivências diárias de um indivíduo acontecem normalmente em uma zona de relevância de seu inteiro domínio, ou seja, em “zonas das coisas tidas como pressupostos” para o indivíduo (SCHÜTZ, 1979, p. 110). Mas os indivíduos, por outro lado, dispõem, como Maria José, de zonas pouco acessíveis, nas quais podem se aventurar a partir de seus projetos e ações e do estoque de conhecimento que têm à mão (SCHÜTZ, 1979, p. 110).

Os indivíduos, ao considerarem importante se aproximar de uma zona inacessível, precisam compreender o novo campo de significação e demais processos que compõem o seu padrão cultural, o que vai bem além de conhecer as palavras e seu significado oficial, como vimos no exemplo acima e como veremos nas próximas abordagens.

### 3 Experiências e analogismos: a linguagem das periferias

Analisaremos agora, a partir de fontes de pesquisa como biografias e obras literárias, a presença de analogismos na chamada “linguagem das favelas”. Buscamos analisar como a linguagem é vivenciada e a sua importância enquanto suporte para estratégias de interação e transformação de comunidades cariocas e paulistas.



Ao analisar o fenômeno da reificação<sup>4</sup>, Berger e Luckmann abordaram a possibilidade dos indivíduos não se darem conta de sua autoria no mundo, de se sentirem mais como produtos do que produtores. Afirmam que “a questão decisiva consiste em saber se o homem ainda conserva a noção de que, embora objetivado, o mundo social foi feito pelos homens, e, portanto, pode ser refeito por eles” (BERGER; LUCKMANN, 2001, p. 123).

Buscamos em uma análise empírica trazer subsídios para essa questão. Partimos do pressuposto de que as linguagens, como Berger e Luckmann esclarecem, fornecem “os meios para a objetivação de novas experiências” que passam a compor o acervo coletivo de conhecimento de um grupo, influenciando a partir daí ações no mundo cotidiano e nas estruturas sociais (BERGER; LUCKMANN, 2001, p. 96).

Observamos em todas as culturas a existência de neologismos (novas expressões, termos ou vocabulários). No processo de intersubjetividade, através da comunicação, as interpretações são compartilhadas e fundamentam o pensamento, os pressupostos – aquilo que é tido como certo – e as ações de determinado grupo. Segundo Schütz:

Toda a linguagem inclui expressões idiomáticas, termos técnicos, jargões e dialetos, cujo uso está limitado a grupos sociais específicos e cuja significação também pode aprender um *outsider* (forasteiro). Mas, além disso, cada grupo social, mesmo sendo reduzido, tem seu código privado, compreensível somente por aqueles que participaram das experiências passadas em que surgiu ou na tradição vinculada a ela. (SCHÜTZ, 2003, p. 103)

Um código privado também pode apresentar-se como parte de estratégias de resistência a determinado padrão cultural que envolve convenções linguísticas. É interessante examinarmos o estudo de Gitanjali Patel sobre a linguagem das favelas cariocas. Ao analisar a resistência da linguagem da favela, apesar da rejeição que sofre nos demais espaços sociais, Patel salienta que:

---

<sup>4</sup> Reificação: “momento dentro do processo de alienação em que a característica de ser de alguma coisa se torna típica da realidade objetiva”. Disponível em: <[http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/definicao/reificacao%20\\_1035265.html](http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/definicao/reificacao%20_1035265.html)>. Acesso em: 04 jun. 2015.

Palavras convencionais são encontradas em lugares não-convencionais e expressões são libertadas das amarras gramaticais do “dialeto padrão” para serem manipuladas de novas formas. Substantivos, como o da frase “Pedro é fechamento”, são revisitados como adjetivos, nesse caso, para significar ‘digno de confiança’. Palavras são readaptadas para adquirir novos significados que destaquem um novo contexto: por exemplo, “bonde” é usado para turma ou grupo de amigos. (PATEL, s/p. 2015)

Em toda a linguagem existem as chamadas *figuras de construção* utilizadas para dar mais expressão ao sentido de uma frase. Na chamada linguagem da favela, utiliza-se de palavras monossilábicas para enfatizar, a partir das sonoridades, determinadas ações: “palavras sonoras como pá, bá, bum ou pum são usadas como elipses verbais para enfatizar ações. ‘Vamos sair? Claro, bum, partiu, vamos’” (PATEL, 2015). Tais palavras sonoras, muitas vezes, são enfatizadas para que o ouvinte possa inferir algo que não deve ser dito, mas que será facilmente apreendido por alguém que está vivenciando ou vivenciou o contexto a que o assunto se refere:

Aqui, frases inteiras são substituídas por uma única palavra sonora, por exemplo “Vou fazer, se não pá”. A imprecisão é usada como estratégia interativa, tornando qualquer compreensão inteiramente dependente de conhecimentos internos e de um contexto (...). Por exemplo, “Fui pro bagulho” ou “ele tava falando daquela parada aí”. Em ambas as frases a “coisa” só está clara para os participantes da conversa. (PATEL, 2015)

A terminologia utilizada – destoando da norma culta – permite que indivíduos do exogrupo não entendam ao que os outros se referem, o que pode ser útil, por exemplo, em um momento de embate tanto com representantes do tráfico, como junto aos policiais. Mas a utilização da linguagem como estratégia de interação vai além. É uma linguagem que possibilita, através da interação face a face, o fortalecimento de aspectos culturais próprios de uma comunidade dentro de um universo de grupos que compõem a geografia de uma cidade:

Essa interação social, que se dá em diversos níveis e intensidades a começar pelo fronteamto entre indivíduos – denominada pelos

autores de face a face – gera trocas intensas de expressões objetivas e subjetivas entre os atores, assim como tipificações ou modelizações (enquadramentos do outro em modelos simplificadores), que por sua vez respondem pela constituição de uma realidade que parte deles e para eles. (CAVALCANTE, 2010, p. 04)

Quando um grupo de pessoas se distancia das outras tendo ações e pensamentos consensuais entre eles, e que são repassados para outras gerações, surgem novas tipificações. Nesse processo, a linguagem pode ser vista como aliada para a sobrevivência do grupo, para a sobrevivência dos traços culturais que foram criados.

A linguagem da periferia também é estratégica para vivenciar o mundo cotidiano, uma vez que facilita a objetivação de fatos, reflexões, objetos, e assim torna as ações pragmáticas mais fluidas por meio de sistemas de relevância e tipificações. A linguagem é muito importante no processo de transmissão do sistema de interpretação e tipificação de um grupo. Esse sistema, seguindo a linha de análise de Alfred Schütz:

(...) preenche as seguintes funções: a) determinar quais eventos devem ser tratados como tipicamente iguais; b) transformar ações individuais únicas de seres humanos únicos em funções típicas de papéis sociais típicos; c) funcionar como um código de interpretação e ao mesmo tempo como código de orientação aos membros do grupo interno, criando assim um universo comum de discurso. (SANTOS, 2011, p. 06)

Aquilo que é tipificado e tido como certo é socializado, e estando a comunicação intrinsecamente ligada a um contexto social, a chamada “linguagem culta” dificilmente abarca as especificações de um grupo. Ela não dá conta da complexidade de um universo comum de discursos e, dessa forma, os códigos de interpretação e de orientação de uma comunidade da periferia buscam, também, o analogismo como uma maneira de preencher as lacunas da linguagem culta.

Nesse sentido, é importante estar atento ao trabalho dos chamados intelectuais da periferia. Eles comunicam o que ocorre historicamente no cotidiano de suas comunidades, tendo um papel importante na formação dos códigos acima referidos. A

Cooperifa (Cooperativa dos Poetas da Periferia), criada no ano de 2000, já reuniu inúmeros artistas em fábricas abandonadas, praças, ou bares de comunidades periféricas. Sobre os conhecidos saraus, o fundador da Cooperativa, Sérgio Vaz, reflete:

Essa gente que durante muito tempo foi e é moída dentro dos ônibus lotados ao ir e voltar do trabalho e cuja única dose de lazer e cultura eram as pílulas anestésicas da televisão, agora tinha um dia para comungar a palavra, uma palavra que a gente não tinha e que agora era a nossa voz. (VAZ, 2008, apud WALTZ, 2009, p. 06)

Na literatura, uma das vozes já consagradas das periferias é Ferréz, um escritor que faz parte da chamada literatura marginal ou combativa. Em seus livros é visível a presença de neologismos na busca pela significação de esquemas tipificadores próprios da comunidade. Ele costuma apresentar o “tipo social” conhecido como morador da periferia, mas o faz a partir de seu endogrupo. Morador de uma localidade paulista chamada Capão Redondo, Ferréz utiliza de suas experiências na favela para compor seus personagens. Na obra *Ninguém é Inocente em São Paulo*, o personagem de um de seus contos descreve o que pensa ao deslocar-se do trabalho para a residência na periferia:

O esquema tá mil grau, meia noite pego o ônibus, mó viagem de role pra voltar, o trampo nem cansa muito, o que mais condena o trabalhador é o transporte coletivo. Muita gente no banzão (...) um maluco me encara, vai se foder, você é meu espelho, não vou quebrar meu reflexo, mas a maioria quebra faz o que o sistema quer. Quem gera preconceito é só quem tem poder, um sem o outro não existe, o ônibus balança que só a porra, tenho desgosto em continuar a escrever (...). (FERRÉZ, 2006, p. 17)

Ferréz, como outros intelectuais da periferia, questiona a ideia de inclusão de suas comunidades à província do conhecimento considerada oficial. Eles reiteram o pressuposto de que a cultura da periferia deve ser fortalecida e sedimentada no mundo da vida, tendo como mecanismo de afirmação os processos culturais específicos como as artes Hop e a Literatura Marginal, movimentos que incluem fortemente a chamada linguagem da favela.

A partir de uma “zona de relevância de inteiro domínio” (SCHÜTZ, 1979), membros de comunidades periféricas, representadas pelos movimentos culturais citados acima, desconstróem determinados padrões linguísticos. Segundo Berger e Luckmann, a linguagem é o sistema de sinais mais importante da sociedade humana, as “objetivações comuns da vida cotidiana são mantidas primordialmente pela significação linguística” (BERGER; LUCKMANN, 2001, p. 101). Levando em consideração, também, as infinitas maneiras de pensar e agir no mundo da vida, a linguagem não se constitui enquanto signos estáticos. A atribuição de novos sentidos a antigos vocábulos gera, no mundo da vida, uma profusão de termos que passam a “abastecer” e complexificar o estoque de conhecimento apropriado à determinada província da realidade.

O livro *Capão Pecado*, também de Ferréz, inicialmente circulou apenas em Capão Redondo onde se popularizou a partir de 2001. Na obra, a descrição sobre a favela é feita por meio do personagem Rael que, ao caminhar pelas ruas de Capão Redondo, descreve aquilo que ouve, vê e pensa:

As tábuas do barraco já estavam tão apodrecidas que um leve toque as perfuraria (...) porém o respeito na quebrada sempre prevalece para aqueles que sabem se impor na humildade, e foi isso que Capachão procurou fazer (...) ele ia aos bares, pagava cerveja par os malandros mais velhos, doces para seus filhos, jogava taco com as crianças e não demorou a pegar a consideração de todos por ali.(FERRÉZ, 2006, p. 28)

Em entrevista concedida ao periódico *El País*, Ferréz afirmou que quando alguma cena lhe chama a atenção, ele observa o ator, seu jeito, o que diz e sente. É como se aquele ator social estivesse “dentro dele”, até que um dia essa pessoa vira personagem como o Capachão<sup>5</sup>. Parece oportuno lembrar o que Schütz afirmou sobre a relação entre associados, ou seja, de pessoas do mesmo grupo. Diz ele que:

Cada coparticipante toma parte no processo vital do outro, (...) podem compartilhar as antecipações quanto ao futuro, como planos, esperanças

<sup>5</sup> El País, 27 abr. 2015. Disponível em: <[http://brasil.elpais.com/brasil/2015/04/21/cultura/1429627864\\_042387.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2015/04/21/cultura/1429627864_042387.html)>. Acesso em: 03 jul. 2015.

ou ansiedades. Em suma, os associados envelhecem juntos, vivem o que podemos denominar uma relação *nosotros pura*. A identidade individual, a singularidade da pessoa, só pode ser captada na vida dos associados. (SCHÜTZ, 2008a, p. 22)

Essa singularidade que Ferréz apresenta em seus personagens pode ser acompanhada pela linguagem. É interessante observar que em sua obra, a chamada linguagem da favela se manifesta sempre nos diálogos:

O Bar da Polícia estava lotado, mas o bar em si não fazia tanto sucesso, o que fazia sucesso mesmo era o terreno muito amplo que tinha na frente: as caixas sempre pra fora espalhavam o som os carros iam chegando e o pessoal só entrava pra buscar a cerveja (...).

- E aí, Zeca? Quer uma cerveja gelada?

- Não Burgos, eu to a pampa. Porra, o bagulho ta cheio hoje, heim mano!

- É o Bar da Polícia é o *point* agora, ceta ligado!!!! (FERRÉZ, 2005, p. 29)

O livro, embora ficcional, descreve “associados” e o faz a partir das expressões utilizadas na linguagem oral própria do grupo, o que contribui para sedimentar não apenas a linguagem, mas a cultura como um todo.

Nas favelas das grandes cidades brasileiras, os bares centrais, tal como no cenário de Capão Pecado, são importantes pontos de sociabilidade e, por vezes, de expressão cultural com a participação em eventos de vários artistas, grafiteiros, músicos, artesãos. Mas, para além dos bares, se fortalecem os saraus e as “postesias” (poesias no poste):

Os saraus literários Vila Fundão, Cooperifa e Binho são, atualmente, os novos palcos de expressão da cultura hip-hop. Em meados dos anos 1990 ele [Binho] teve a iniciativa de reunir jovens para ouvir músicas e declamar poesias em um espaço privado. Posteriormente os poemas ganharam a via pública, começaram a ser afixados em postes, iniciando-se um movimento denominado de Postesias (poesias no poste). (SILVA, 2012, p. 05)

A Literatura Marginal e intervenções culturais, como a citada acima, são importantes meios de propagação da linguagem da periferia. São produtos que se formam a partir do senso comum nos encontros face a face (conversas de rua, visitas, encontros em bares e no transporte coletivo). Nesses encontros do cotidiano se compartilha a articulação das palavras, ou seja, o modo como o som e o sotaque são pronunciados e também a fluência do discurso – ritmo e velocidade (SOUZA, 2013, p. 468).

Durante a comunicação é possível ao indivíduo apropriar-se de um termo e posteriormente utilizá-lo de acordo com sua interpretação e seus propósitos, afinal todas as ações são projetadas e dotadas de propósito (SCHÜTZ, 2008a). Por exemplo, se uma mulher se apresenta enquanto mulher de bandido ou mulher de traficante, ela poderá projetar o poder que essa terminologia lhe fornecerá. Priscila Susin (2014) realiza a reconstrução da biografia de uma moradora da periferia da cidade do Rio de Janeiro. A biografada, que Susin convencionou chamar de Maria, por meio de sua narrativa deixa claro o poder da terminologia “mulher de bandido”:

A despeito dos conflitos enfrentados com Roberto, Maria permanece ao lado de Valdemar e se integra de forma plena a este título que ela mesma utiliza para si, e para o qual existem regras e comportamentos esperados: Maria é “mulher de traficante”, ou ainda, “mulher de bandido”. (...) Consideramos, a partir da fala de Maria, que ser “mulher de bandido”, lhe concedia certa autoridade, utilizada sempre que lhe era conveniente, e declinada sempre que buscava se colocar como frágil. Ambas as posturas coexistem em Maria, e parecem ser parte importante das estratégias adotadas por ela ao se colocar no mundo no decorrer de sua história de vida. (...)

Maria reconquista a casa com a ajuda do tráfico, que ordena ao bandido desocupe o local. (...) Mais uma vez, Maria não esconde em sua narrativa que foi “deixada em paz” devido à intervenção do tráfico – e desta autoridade que lhe era conferida enquanto mulher de traficante: a antiga dona da casa foi alertada de que Maria era companheira de Valdemar, o que acaba causando-lhe medo das consequências que poderia sofrer por conta de sua intervenção na vida de Maria, (...). (SUSIN, 2014, p. 184)

Em uma situação biográfica, entendida aqui enquanto forma específica como se situa o indivíduo (SCHÜTZ; LUCKMANN, 2003), as palavras não costumam apresentar sempre a mesma conotação, pois a dimensão temporal e, por consequência, as novas experiências no mundo da vida, reforçam outros significados. Assim é em relação ao caso biográfico citado acima. A aceitação de uma tipificação, no caso “mulher de bandido”, vem carregada de outros significados como podemos examinar a partir da própria narrativa de Maria:

Como é que uma mãe fala isso pra mim? então simples a gente não vai se cruzar nunca (.) metade da minha vida cinquenta por cento ela tem culpa (.) que se ela tivesse sido a minha mãe de verdade como eu sou com os meus filho eu num tinha sido estropada eu num tinha sido mulher de bandido num tinha ficado na rua num tinha ido presa (...) a polícia falou pra mim a polícia falou pra mim mulher de bandido mãe de bandido pai de bandido bandida é, e eu só num morri porque eu não segurei a pistola que a polícia queria que eu segurasse. (SUSIN, 2014, p. 168)

“Mulher de bandido, bandida é”. Duas palavras foram acrescentadas, mas o significado é completamente diferente do que Maria gostaria que predominasse nessa expressão de forma que lhe facilitasse a vida. Mas, certamente ela já sabia dessa conotação, tanto que culpa sua mãe por tê-la abandonado, influenciando, assim, o fato de ter-se tornado “mulher de bandido”.

Ainda que tenhamos analisado a narrativa de Maria de forma superficial, consideramos profícua a pesquisa biográfica para o tema que abordamos. A narrativa acima coletada por Susin a partir do método de narrativas biográficas tem como principal suporte o sistema de relevância do entrevistado.

Segundo Rosenthal, o método interpretativo do qual a narrativa biográfica faz parte “tem por base o princípio da dialética constituinte entre o ‘individual’ e o ‘geral’ e, com ela, a ideia de que o geral está, por princípio, implicado no particular” (ROSENTHAL, 2014, p. 90).



Fritz Schütze, a partir do conceito de sistema de relevância, afirma que a narração biográfica recupera, através da comunicação, de forma retrospectiva, vivências do universo social.

Toda narrativa de histórias – de modo particularmente intensivo, toda narrativa oral de histórias – contém não só uma figura conjunta de acontecimentos passados, mas também uma mediação implícita desses acontecimentos com constelações de problemas especiais ou mais globais no momento da situação da narrativa, que possam ser relevantes para os parceiros da interação na interpretação da situação atual de vida ou na superação dos problemas interacionais, que sejam comuns a ambos, ao menos em certos aspectos. Existe, portanto, uma coesão temática ao menos parcial e/ou figurada entre a constelação sociocultural de problemas em que a situação narrativa está inserida e o contexto sociocultural de problemas da história relatada (SCHÜTZE, 2014, p. 18).

Para o levantamento sociológico com interesse temático, a reconstrução biográfica de histórias de vida, no marco de “contatos face a face” entre narrador e pesquisador, ambos agentes comunicacionais, apresenta informações importantes para a interpretação do mundo da vida. O narrador, ao detalhar vivências, também nos informa o seu sistema de relevância e tipificação. Segundo Schütze:

Essa obrigação de detalhamento da exposição narrativa compreende, também, conjuntos de interesse do narrador existentes à época e, ao menos em parte, ainda existentes quando da narração, pois elas são, em sua eficácia motivacional, elementos constitutivos dos acontecimentos a serem narrados. (SCHÜTZE, 2014, p. 11)

Gostaríamos, a partir das colocações acima, de analisar alguns aspectos da linguagem em relação à biografia de Fátima<sup>6</sup>. Ela foi entrevistada por nós com o intuito de estudar o fenômeno de remoções compulsórias de favelas. A metodologia utilizada nessa entrevista, durante o trabalho de campo, coleta e análise foi a Pesquisa Biográfica Interpretativa, organizada por Gabriele Rosenthal (2014). A transcrição da entrevista, para Rosenthal, deve ser considerada como

---

<sup>6</sup> A identidade do entrevistado não é aqui revelada, o nome Fátima é fictício.

a transformação do registro falado em um texto escrito no qual se encontram reproduzidas todas as declarações e alusões que compõem o material – ao menos as que podemos reconhecer na gravação –, inclusive pausas, interrupções e ênfases, é produzida em correspondência direta ao material, sem ignorar passagens, mas desconsiderando as regras da linguagem escrita, ou seja, reproduzindo as expressões tal como foram utilizadas.

Fátima é uma mulher que morou por décadas em uma favela de Porto Alegre (RS). No início do século XXI, ela e todos os seus vizinhos foram removidos para um residencial na periferia da cidade. A antiga favela localizava-se em uma região central havendo maior acesso a possibilidades de trabalho e de estratégias de sobrevivência devido ao variado comércio e à construção de laços de camaradagem entre eles e demais vizinhos dos bairros próximos. Ao ter de viver em um novo território da cidade, foi preciso criar novas estratégias que incluíssem a manutenção dos vínculos com o antigo espaço urbano ocupado. Conhecer a realidade de um bairro periférico levou a entrevistada a ressignificar expressões que não faziam parte do seu vocabulário, como por exemplo, “toque de recolher”. Vejamos uma parte da entrevista em que Fátima nos fala sobre o novo cotidiano:

As criança estudam do outro lado de lá, e às vezes lá tem toque de recolhê, aí as mãe tem que ir tudo buscá as criança, é por causa das droga, dos traficante, é um perigo, nós fomo fazê, mês passado nós fizemos sopão, aí a gente vai na CEASA, busca as coisa lá na CEASA e se reunimo na casa da vice-presidenta pra fazê o sopão, aí nós não tinha panela suficiente, panelão, fomos lá numa creche que tem ali. Ele disse: “meu Deus o que vocês, duas senhoras, querem com duas criança aqui, se nós mandemo as criança pra casa cedo, por causa que deu toque de recolhe, vão embora por favor” (...). Não tem é toque de recolhê, e volta e meia tem, aqui na frente, bem aqui, e a gente leva, vai, as criança vão e já levam o coração na mão. (FÁTIMA, 2016)

Certamente, essa expressão já era conhecida, mas não de forma a ser relevante diante de suas ações na vida cotidiana, perante a província da realidade em que se

encontra. A vivência de um “toque de recolher” traz, agora, outro significado a determinado conhecimento anterior que até então se mantinha em um estágio de percepção diferente, em uma zona pouco acessível da mente.

Segundo Schütz, “o significado subjetivo que o grupo tem para os seus membros consiste em seu conhecimento de uma situação comum, e com ela, de um sistema comum de tipificações e relevâncias” (SCHÜTZ, 2003, p. 82). Esse sistema de relevância não é reconhecido pelo indivíduo de outro grupo como verdade evidente, porque suas experiências no mundo da vida são outras. Contudo, a partir de um processo subjetivo de percepção em relação a novos contextos e relações, o sistema de relevância sofre alterações e influências externas. Os jogos de linguagem que só fazem sentido quando relacionados ao mundo da vida e à interação entre as pessoas de determinado grupo se modificam; ora são excluídos, ora reelaborados.

Ainda tomando como exemplo a entrevista de Fátima, observamos que diversas vezes ela utilizou a expressão *quem vai ao santo vai a Deus*. Em uma delas, descrevia o que pensava em relação à nova moradia na periferia:

Mas é bom, bom aqui, a única coisa longe aqui é, é frutas, verdura, mas eu vô no Centro, quem vai ao santo, vai a Deus. Eu desço no centro já faço as minhas, minhas compra no Centro às vez sábado é dia de feira. Lá na antiga vila, tinha uma amiga minha que ela não mora mais aqui, nós ia sábado pra feira, terminava a feira nós trazia dois carrinho de supermercado, de tudo, fazia os sopões prá toda a vila. (FÁTIMA, 2016)

Fátima configura a tradicional expressão citada (dotada de fantasias, significados e ações) a partir de seu sistema de relevância e de padrões de conduta do grupo social do qual faz parte. Destacamos, ainda, outro trecho de sua entrevista em que, aliás, para ser entendida pela entrevistada, ela cria um diálogo entre ela e um determinado morador da vila.

Porque eu vendia cigarro lá, mas eu tinha um parente meu que ia buscá no Paraguai, vinha as caixa e eu vendia bem barato.

– Porque a senhora vende barato?

- Por que eu compro barato.
  - Aah mas lá no Didi... ((dono de um bar na antiga vila))
  - É o mesmo cigarro do Paraguai, só que eu vendo mais barato porque vem mais barato.
- Quem vai ao santo, vai a Deus, diretamente fala com Deus, e eu vendia tudo lá, vendia, botava meu brique. (FÁTIMA, 2016)

O ditado popular “quem vai ao Santo, vai a Deus” provavelmente surgiu no meio religioso, a partir de discussões em relação à doutrina católica e a presença de pessoas, geralmente consideradas mártires ou iluminados, que intercediam perante o único deus (BOULHOSA, 2014). A invocação aos santos não fazia parte da doutrina cristã e, de uma forma ou de outra sempre foi contestada, sendo provavelmente essa a raiz do tradicional ditado. No entanto, “quem vai ao santo, vai a Deus”, é utilizada na cultura brasileira como uma forma de expressar proatividade, agilidade e solução às situações que se apresentam. Poderíamos, então, utilizando das ideias de Evans-Pritchard, afirmar que essa expressão foi atualizada? Evans-Pritchard, em seu estudo etnográfico sobre o povo Azande e o fenômeno da bruxaria, afirma que:

Não existe uma representação elaborada e consistente da bruxaria que dê conta detalhadamente de seu funcionamento, como também não há uma representação elaborada e consistente da natureza que esclareça sua conformidade com sequências e inter-relações funcionais. O Zande atualiza essas crenças, mais do que intelectualiza, e seus princípios são exprimidos mais em comportamentos socialmente controlados que em doutrinas. (EVANS-PRITCHARD, 2005, p. 61)

A partir dessa ideia, nos parece que a expressão “quem vai ao santo, vai a Deus” se mantém em meio às experiências no mundo da vida. Matem-se a partir de sua atualização, sua reelaboração.

As famílias de baixa renda que vivem em comunidades consideradas pelas instituições públicas como à parte da urbe, mesmo dentro da cidade, flexibilizam o que é tido como certo pelos grupos dos quais não fazem parte, seja na forma como constroem casas, seja na forma como trabalham ou se comunicam. Muitas expressões tradicionais

são reelaboradas pelas novas gerações, e sedimentadas enquanto verdades, seguindo como parte da identidade de um grupo e seu específico jogo de linguagem presente na atitude natural.

## Conclusão

A linguagem e, em específico, o jogo da linguagem são importantes caminhos de estudo das interpretações dos sujeitos frente ao mundo da vida e seus desafios. Trouxemos aqui, a partir da diversidade cultural brasileira, um ínfimo aspecto dessa possibilidade, mas que já nos dá a ver as possibilidades de análise sociológica.

A partir da ideia de que o indivíduo é construtor do seu próprio mundo (SCHÜTZ; LUCKMANN, 2003), analisamos estratégias de resistência de comunidades periféricas que enfrentam desigualdades, constrangimentos e coerções sociais. Observamos a importância da comunicação, em específico da linguagem falada e escrita, como forma de sedimentar em um grupo o que é considerado relevante.

A linguagem é meio, mas também é ato, é criação, é o “brincar” de Maria José, e a *mulher de bandido* de Maria. Entre o projeto e o ato está a ação, que sempre surpreende o indivíduo que a recorda, porque nunca acontece tal como fora planejada, uma vez que envolve, em sua passagem pelo tempo, novas experiências.

A linguagem, como suporte para “experienciar” por meio da cultura as “coisas naturais” e os processos de intersubjetividade (SCHÜTZ; LUCKMANN, 2003), pode facilitar ou dificultar a interação face a face do indivíduo no mundo da vida. Pode dificultar se o indivíduo for um *outsider*, ou então se ele, em seu próprio endogrupo, vivencia um momento em que deseja comunicar algo cujo significado não deve, estrategicamente, ser compreendido para os não “associados”. Por meio de experiências da vida cotidiana, algumas dessas dificuldades foram aqui expostas e, dessa forma, observamos como, através do senso comum, elas foram pensadas e quais as ações, considerando os seus propósitos, foram realizadas. A análise empírica também possibilitou compreender melhor o papel da linguagem na construção da realidade (feita

e refeita), sendo o principal suporte para o sistema de relevância dos indivíduos, para seu estoque de conhecimento, bem como para seus projetos e atos.

### Referências bibliográficas

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomaz. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. 24.ed. Petrópolis : Vozes, 2001.

BOULHOSA, Tatiana Machado. **Entre dois mundos**: os mosteiros irlandeses como espaços de liminaridade histórica e o papel dos santos nesses espaços-tempo de transição. 2014. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós-graduados em Ciência da Religião, São Paulo, 2014.

CAVALCANTE, Ricardo Caribé. **Comunicação e realidade**: contribuições da sociologia do conhecimento à comunicação organizacional. Congresso ABRAPCORP, 4, 2010. **Anais [...]**. Disponível em: [http://www.abrapcorp.org.br/anais2010/GT1/GT1\\_Caribe.pdf](http://www.abrapcorp.org.br/anais2010/GT1/GT1_Caribe.pdf). Acesso em: 22 jun 2015.

DIAS, Glauco Marcelo Aguiar. **Batuques de negros forros em Porto Alegre**: um estudo sobre as práticas religiosas de origem africana na década de 1850. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

ELIAS, Norbert; Scotson, John L. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade . Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FERRÉZ. **Capão Pecado**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2005.

FÁTIMA. **Entrevista com Fátima**. Entrevista cedida à Naida L. G.Menezes. Porto Alegre, 2016.

FERRÉZ. **Ninguém é Inocente em São Paulo**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2006.

PATEL, Gitanjali. A linguagem da favela: parte 1: resistência, cultura e identidade. **Rio onWatch**, Rio de Janeiro, 23.fev.2015. Disponível em: <http://rioonwatch.org.br/?p=13450>. Acesso em: 25 mai 2015.

EVANS-Pritchard, Edward Even. **Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2005.

ROSENTHAL, Gabriele. Historia de vida vivenciada e historia de vida narrada: a interrelação entre experiência, recordar e narrar. **Revista Civitas**, Porto Alegre, v. 14, n.2, 2014.

ROSENTHAL, Gabriele. **Pesquisa social interpretativa**: uma introdução. Porto Alegre: Edipucrs, 2014.

SANTOS, Darlan. FUX, Jacques. Litera-Rua: a cultura da periferia em Capão Pecado, de Ferréz. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, n. 41, p. 87-98, jan./jun. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/elbc/n41/06.pdf>. Acesso em: 24 jun 2015.

SANTOS, Hermílio. O pluralismo na teoria contemporânea: ação, relevância e interpretação subjetiva. Encontro Anual da ANPOCS, 38, 2011. **Anais [...]** Caxambu, 28 out 2011.  
Disponível em: <http://portal.anpocs.org>. Acesso em: 02 out 2014.

SCHÜTZ, Alfred. **El problema de la realidad social**: escritos I. Buenos Aires: Amorroutu Editores, 2008a.

SCHÜTZ, Alfred. **El problema de la realidad social**: Escritos II. Buenos Aires: Amorroutu Editores, 2008b.

SCHÜTZ, Alfred. **Estudios sobre teoria social**: escritos II. Buenos Aires: 2003.

SCHÜTZ, Alfred. **Fenomenologia e relações sociais**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

SCHÜTZ, Alfred.; LUCKMANN, Thomas. **The structures of the life-world**. v. 1. Evanston: Northwestern University Press, 1973.

SCHÜTZE, Fritz. Análise sociológica e linguística de narrativas. **Civitas - Revista de Ciências Sociais**, Porto Alegre, v. 14, n. 2, p. 11-52, mai/ago, 2014.

SEGATTO, Antonio Ianni. **Wittgenstein e a questão da harmonia entre linguagem, pensamento e realidade**. 2011. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, São Paulo, 2011.

SILVA, José Carlos Gomes da. **Rap, a trilha sonora do gueto**: um discurso musical no combate ao racismo, violências e violações aos direitos humanos na periferia. Colóquio Culturas Jovens Afro-Brasil Américas: Encontros e Desencontros. Faculdade de Educação da USP, 10,13 abril 2012.  
Disponível em: [http://www3.fe.usp.br/secoes/inst/novo/agenda\\_eventos/inscricoes/PDF\\_SWF/11840.pdf](http://www3.fe.usp.br/secoes/inst/novo/agenda_eventos/inscricoes/PDF_SWF/11840.pdf). Acesso em: 28 jun 2015.

SOUZA, Renata; CARDOSO, Maria Cristina F. Fluência e prosódia: aspectos diferenciais frente aos distúrbios. **Revista Neurociência**, 2013, n. 21. Disponível em:  
<http://www.revistaneurociencias.com.br/edicoes/2013/RN2103/revisao/766revisao.pdf>. Acesso em: 05 jul 2015.

Linguagem e experiências cotidianas: estratégias de interação e transformação  
Naida Menezes

SUSIN, Priscila Queirolo. **Construções familiares e experiências de violência:** pesquisa biográfica em uma favela carioca. 2014. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais, Porto Alegre, 2014.

VERÍSSIMO, José. **A pesca na Amazônia.** Rio de Janeiro: Livraria Clássica de Alves & C., 1895.

WALTY, Ivete Lara Camargos. Coletivos de favelas: iniciativas informais. **Outra Travessia,** Florianópolis: UFSC, n.8, 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/16189/15617>. Acesso em: 16 mar 2019.

WITTGENSTEIN, L. **Tractatuslogico-philosophicus.** São Paulo: Edusp, 1994.

Recebido em: 01/02/2018

Aprovado em: 31/09/2019

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC  
**Centro de Ciências Humanas e da Educação - FAED**

Revista PerCursos

Volume 20 - Número 42 - Ano 2019  
revistapercursos@gmail.com